

**O professor em manifestações e suas
estratégias argumentativas**

Le professeur au sein des manifestations et ses
stratégies argumentatives

Cristiane Dall CORTIVO-LEBLER*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB/Brasil

Adilson Ventura da SILVA*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB/BRASIL

RESUMO

Este trabalho visa a discutir o sentido do enunciado “Sou professor, ganho pouco e mesmo assim sigo feliz, pois minhas mãos estão sujas apenas de giz” presente nas manifestações ocorridas no Brasil, em junho de 2013. Nosso objetivo é explicar o seu possível sentido com base nos aspectos linguísticos e enunciativos, a partir da Teoria dos Blocos Semânticos e da Teoria Polifônica da Enunciação, desenvolvidas por Marion Carel e Oswald Ducrot.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação. Discurso. Sentido. Manifestações.

*Sobre os autores ver página 120.

RÉSUMÉ

Cet article a pour but de faire une discussion à propos du sens de l'énoncé « Je suis professeur, je gagne peu et je suis quand même heureux, parce que mes mains ne sont sales que de craie », présent lors des manifestations qui ont eu lieu au Brésil, en juin 2013. Notre objectif est d'expliquer son sens à partir de ses aspects linguistiques et énonciatifs, sur base de la Théorie des Blocs Sémantiques et de la Théorie Polyphonique de l'énonciation, développées par Marion Carel et Oswald Ducrot.

MOTS-CLES : Argumentation. Discours. Sens. Manifestations.

1 Introdução

A nossa história e a história de nosso país são construídas diariamente, através dos grandes acontecimentos e das pequenas frivolidades. O mês de junho de 2013, no Brasil, entrou para a história pelo primeiro motivo: milhares de brasileiros saíram às ruas para protestar com os mais diversos pretextos: falta de mobilidade urbana, más condições na saúde pública, excesso de corrupção nos governos, precariedade da educação, luta por moradia e pela melhoria na qualidade dos serviços públicos. Nesses protestos, construíram-se argumentações em torno desses temas, protagonizados por trabalhadores, jovens, desabrigados, políticos e pela mídia. Frases de efeito, palavras de ordem e gritos de guerra surgiram como meios de unificar e endossar o coro daqueles que encontravam-se descontentes com a situação que a eles se apresentava.

Tendo em vista este cenário, este trabalho toma como objeto de análise um dos enunciados presentes nessas manifestações, que tem como locutor um professor que ostenta um cartaz onde se pode ler “Sou professor, ganho pouco e mesmo assim sigo feliz, pois minhas mãos estão sujas apenas de giz”. Acorados na Teoria da Argumentação na Língua, especificamente em sua fase atual, a Teoria dos Blocos Semânticos, buscaremos explicar o possível sentido desse enunciado, a partir dos seus elementos linguísticos e enunciativos, bem como a construção da

imagem do locutor através de seu discurso¹. Justificamos a importância deste trabalho, pois o pensamos como uma possibilidade de debater o papel das teorias linguísticas como instrumentos de compreensão dos discursos que constroem a realidade e, conseqüentemente, dessa realidade construída.

Com a finalidade de concretizar nosso objetivo, trazemos, inicialmente, conceitos gerais da Teoria da Argumentação na Língua; em seguida, abordamos a fase atual da ANL, a Teoria dos Blocos Semânticos, cujos conceitos nos servirão de instrumentos para a análise linguística; apontaremos, ainda, os pressupostos da Teoria Polifônica da Enunciação, que dará conta dos aspectos do discurso ligados à enunciação. Após a discussão teórica, faremos a análise do nosso enunciado-objeto e procederemos às considerações finais.

2 Alguns conceitos gerais da Teoria da Argumentação na Língua

A Teoria que nos servirá de base para a análise que realizaremos é a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), fase atual da Teoria da Argumentação na Língua (ANL), desenvolvida por Oswald Ducrot e Marion Carel. Apresentaremos, aqui, alguns conceitos que nos serão indispensáveis para proceder à análise linguística do enunciado “Sou professor, ganho pouco e mesmo assim sou feliz, pois minhas mãos estão sujas apenas de giz.”

A Teoria dos Blocos Semânticos surgiu no ano de 1992 em substituição à Teoria dos Topoi. Trata-se, segundo Carel e Ducrot (2013), de uma radicalização da Teoria da Argumentação na Língua, na medida em que toma as relações entre os segmentos de discurso como imprescindíveis para explicação do sentido dos enunciados.

Os conceitos de que trataremos nestas linhas dizem respeito, inicialmente, aos pressupostos basilares da ANL, que são os conceitos de frase, enunciado, enunciação, sentido e significação. Posteriormente, apresentaremos os conceitos relativos à TBS, como encadeamento e

¹ O termo discurso, neste trabalho, aparece segundo a aceção a ele atribuída por Ducrot (1984), em cujo texto o autor define “discurso” como o enunciado complexo, estando, portanto, no nível da realização linguística.

aspecto argumentativos, bloco semântico, interdependência semântica e argumentação interna ao léxico. Por fim, abordaremos a Teoria Polifônica da Enunciação, em seus conceitos mais fundamentais, como o desdobramento do sujeito falante² em diferentes funções, as atitudes e assimilações tomadas pelo locutor em relação aos enunciadores, aspectos estes constitutivos do sentido dos enunciados/discursos.

2.1 Conceitos basilares da ANL

Com início datado nos anos 70, a ANL surge como uma proposta de oposição à concepção tradicional de sentido, que via nos enunciados três indicações: as indicações objetivas, que dizem respeito a uma representação da realidade, na medida em que um enunciado descreve o mundo; as indicações subjetivas, que dizem respeito à atitude do locutor frente à realidade; e as indicações intersubjetivas, que dizem respeito às relações que o locutor tem com aqueles a quem se dirige, seus interlocutores. Tais indicações são relativas a concepções de sentido que frequentemente classificam enunciados em denotativos e conotativos. Ducrot (1990) suprime a distinção entre denotação e conotação, e apresenta sua oposição ao aspecto objetivo da linguagem. Para ele, cuja concepção de sentido deriva da tomada de posição de um locutor frente a determinada realidade, à linguagem não pode estar associado um aspecto objetivo, uma vez que o mundo nada mais é que um tema para debate entre interlocutores. Os aspectos subjetivo e intersubjetivo são mantidos e aparecem unificados naquilo que o autor denomina *valor argumentativo*, definido como a orientação que uma palavra dá ao discurso, ou seja, a concepção de linguagem adotada pela ANL, ao considerar língua e os interlocutores, engloba, em sua análise, tanto os aspectos linguísticos, quanto os aspectos enunciativos.

O posicionamento do teórico, contrário à concepção tradicional de sentido, tem estreita ligação com o caráter analítico da Teoria: a

² Sujeito falante aqui é entendido segundo a definição dada por Ducrot (1987): o sujeito falante corresponde ao ser no mundo, a um indivíduo que tem existência real. Tal indivíduo pode desdobrar-se em diferentes funções, como a de ser empírico, a de locutor e a de enunciador, tal como veremos na seção que trata da Teoria Polifônica da Enunciação.

ANL, também denominada por Ducrot (1987) de Semântica Linguística, constitui-se numa transposição de alguns conceitos estruturalistas para a análise semântica, na medida em que conserva pressupostos caros à Saussure, como o valor linguístico e a separação metodológica entre objeto real e objeto de conhecimento. Tais pressupostos aparecem ressignificados nos conceitos de frase e enunciado, na orientação argumentativa, e em conceitos da TBS, sobre os quais falaremos nas próximas páginas.

Tal distinção, retomada de Saussure por Ducrot entre objeto real e objeto de conhecimento, consiste na separação metodológica de dois domínios da linguagem: a língua, quanto objeto de conhecimento, e a fala, enquanto objeto real. Para Saussure, a *língua* pertence ao domínio social, pois é constituída por um sistema de signos compartilhados pelos seus falantes, signos estes resultantes da união de um significado e de um significante. Já a fala, para esse mesmo teórico, é uma manifestação individual e momentânea, cujo estudo é perpassado por outros aspectos, como aqueles relativos à Psicologia, à Antropologia, à Gramática, entre outros, motivo pelo qual é preterida por Saussure quando da definição do objeto de dedicaria a Ciência Linguística (SAUSSURE, 1916).

Para Ducrot, a distinção entre língua e fala é operada unicamente de modo metodológico: em suas análises, não há exclusão de nenhuma das faces da linguagem, uma vez que ambas são constitutivas uma da outra. Nesse sentido, a distinção entre objeto real e objeto do conhecimento serve para demarcar quais são os dados observáveis, tomados para análise, e quais são os modos de investigação desses dados. Desse modo, Ducrot (1987) define a língua como um conjunto de frases, de natureza teórica, concebidas pelo linguista com o objetivo de explicar os enunciados. Tais frases representam abstrações realizadas a partir de inúmeras ocorrências dos enunciados, estes, por sua vez, pertencentes ao domínio da fala, ou, do uso da língua. Assim, a distinção entre conhecimento e realidade é útil na medida em que a segunda fornece os dados para observação, enquanto a primeira oferece as hipóteses para a explicação dos dados.

Tanto as frases quanto os enunciados apresentam valores semânticos distintos, justamente pelo papel que desempenham: a frase possui uma significação, enquanto o enunciado, um sentido. Para Ducrot (1990), significação e sentido apresentam diferenças de natureza e de quantidade. A diferença de quantidade existe pois o enunciado diz muito mais do que a frase, uma vez que contém os índices inerentes à enunciação, à transformação da língua em discurso. Já a diferença qualitativa deve-se à natureza de cada um dos valores semânticos: a frase é formada por instruções, que são um conjunto de diretivas, uma espécie de “modo de emprego”, que permite compreender o sentido dos enunciados. É à instrução que o linguista busca chegar quando analisa os enunciados de determinada língua.

Como exemplo de instrução, Ducrot (1990, p. 59) apresenta enunciados que contêm segmentos relacionados pelo conector MAS, do tipo X MAS Y. A descrição geral que o autor propõe para esta estrutura é *busque uma conclusão r justificada por X, e uma conclusão não-r justificada por Y*, ou, de modo mais sucinto, essa instrução orienta para a busca de conclusões opostas em um enunciado, conclusões estas justificadas pelos segmentos X e Y.

Por fim, a ANL considera que aos enunciados, ocorrências das frases, é dada existência por um locutor, que toma a língua e a transforma em discurso. Ducrot (1987) define tal operação enunciativa como o acontecimento histórico que culmina no surgimento do enunciado, ou seja, há um momento em que o enunciado ainda não existe, e outro em que ele não existe mais. A este espaço de tempo, o autor denomina *enunciação*. Tal conceito é importante na medida em que, para Ducrot (1987), o sentido do enunciado é um reflexo, uma representação da sua enunciação, uma vez que compreende, além das relações sintagmáticas, sujeitos enunciativos como locutor, alocutário e enunciadores; além disso, estão marcados no enunciado os índices de tempo e espaço, inerentes à enunciação.

Após essa (breve) apresentação de alguns conceitos da ANL que caracterizam o tipo de análise que nos propomos a realizar, passemos aos

conceitos relativos à Teoria dos Blocos Semânticos, que constituem-se em ferramentas úteis para a análise e explicação do sentido.

2.2 Alguns conceitos da Teoria dos Blocos Semânticos

A Teoria dos Blocos Semânticos, lançada com a tese de doutorado de Marion Carel em 1992, nasce como uma crítica à Teoria dos *Topoi*. Nessa nova versão da ANL, desenvolvida em colaboração com Oswald Ducrot, é reforçada a ideia de que o sentido de uma expressão não é algo que lhe possa ser agregado, mas sim, se trata de algo que lhe é constitutivo. A crítica que a TBS faz à versão anterior da ANL fundamenta-se no pressuposto saussuriano de que o valor de determinado termo apenas pode ser definido se este for tomado em relação a outros termos da língua. A Teoria dos *Topoi*, tal como Ducrot e Anscombe a conceberam (DUCROT, 1989) baseava a descrição do sentido dos termos em elementos mundanos, os *topoi*, princípios argumentativos que permitiam a passagem, em um enunciado, do argumento para a conclusão. Na TBS, os *topoi* foram excluídos, e os enunciados passaram a ser descritos como um conjunto de dois segmentos (na acepção teórica, duas frases) relacionados por um conector, que pode ser de natureza normativa ou transgressiva.

Nesse novo modo de analisar a linguagem, o sentido de determinada entidade linguística não se encontra composto por fatos, nem por ideias, nem por crenças, mas sim pelos discursos que essa entidade pode evocar (DUCROT, 2005). Os autores denominam tais discursos de *encadeamentos argumentativos*, que se assentam segundo o esquema X CON Y, em que X representa o primeiro segmento – o suporte, e Y representa o segundo segmento – o aporte; CON representa o conector que coloca esses segmentos em relação, podendo ser de dois tipos: normativo ou transgressivo.

Os conectores são termos teóricos, cujos elementos representativos são *donc*, conector normativo representado por DC, que em português significa *portanto*; e *pourtant*, conector transgressivo representado por PT, que em português significa *no entanto*. Tanto a relação normativa

quanto a relação transgressiva podem ser expressas, nos enunciados, por um grande número de formas, como, por exemplo, *porque, assim, logo, se* (normativos), *apesar de, mesmo se, ainda que, mas* (transgressivos). Cabe ressaltar que a oposição entre norma e transgressão é inerente às próprias palavras, portanto, não são conceitos estabelecidos socialmente.

Tomemos alguns exemplos: em (1) *João é feliz porque casou-se com Maria* e (2) *João conseguiu um bom emprego, logo, está feliz*, temos enunciados cuja relação entre os segmentos é normativa, podendo ser representada pelo conector *portanto*. Já os enunciados (3) *Apesar de ter se casado com Maria, João segue infeliz*, (5) *Mesmo tendo encontrado um bom emprego, João está infeliz*, temos dois enunciados cuja relação expressa pelos segmentos é transgressiva, e pode ser representada pelo conector *no entanto*.

Os autores afirmam que os encadeamentos argumentativos X CON Y podem ser representados, de modo mais generalizado, por aspectos argumentativos, como o aspecto argumentativo normativo A DC B, em que X contém A e Y contém B. Da mesma forma, nos aspectos argumentativos transgressivos A CON' neg B, X contém A e Y contém B. Nossos enunciados acima contêm os seguintes segmentos: enunciados (1) e (3) – suporte (A): *estar casado*; aporte (B): *ser feliz*; enunciados (2) e (4) – suporte (A): *ter um bom emprego*; aporte (B): *ser feliz*. Tais segmentos compõem os aspectos relativos aos enunciados (1a) *estar casado DC ser feliz*, (2a) *ter um bom emprego DC ser feliz*; (3a) *estar casado PT neg ser feliz*; (4a) *ter um bom emprego PT neg ser feliz*. Os aspectos argumentativos são mais abrangentes que os encadeamentos, pois não contêm indicações particulares, uma vez que representam relações argumentativas entre determinados termos. Assim, o aspecto argumentativo (2a) é representativo do enunciado (2), mas pode ser também de enunciados como *Maria é feliz porque está bem empregada*, ou *Pedro está contente porque seu emprego lhe paga bem*.

Julgamos nossos exemplos interessantes para abordar o fenômeno da *interdependência semântica*. Para a TBS, as relações normativas e transgressivas entre os segmentos de um enunciado representam um fato fundamental da linguagem (DUCROT, 2005): de que o sentido de

determinado termo somente se define pelas relações que estabelece, no discurso, com os demais elementos da língua. Nos enunciados (1) e (3) apresentados acima, o sentido de *felicidade* é apresentado como algo advindo do casamento com a pessoa amada; enquanto nos enunciados (2) e (4), o sentido de felicidade é construído como algo derivado do sucesso profissional. Trata-se, portanto, de dois sentidos distintos, que se mantêm mesmo quando a relação entre os segmentos é transgressiva, graças às relações argumentativas que o termo estabelece com os demais.

A esses sentidos construídos pela interdependência semântica, os autores denominam *bloco semântico*. Cada bloco semântico pode ser representado por quatro aspectos argumentativos diferentes, em que os segmentos A e B estão influenciados da mesma maneira, uma vez que produzem a mesma interdependência semântica. É o caso dos aspectos mencionados acima, aspectos (1a) e (3a), que produzem o sentido de *felicidade amorosa*, e dos aspectos (2a) e (4a), de cuja interdependência semântica resulta o sentido de *felicidade laboral*. No enunciado presente nas manifestações de junho de 2013, que tomamos como objeto de análise neste trabalho, veremos que há, ainda, uma construção semântica diferente de *felicidade* resultante das relações sintagmáticas, que é a felicidade relacionada à honestidade.

Por fim, apresentamos o conceito de *argumentação interna ao léxico*, que diz respeito ao modo como discursos se ligam internamente às palavras. A argumentação interna de uma palavra é uma espécie de paráfrase, representada por um certo número de aspectos argumentativos. Nesses casos, por se tratar de uma palavra, o termo do qual se faz análise da argumentação interna não deve participar do encadeamento. Como exemplo de argumentação interna, os autores (CAREL; DUCROT, 2008) apresentam o termo *prudente* em enunciados como *Havia perigo, portanto João foi prudente*, em que a argumentação interna de *prudente* é dada como *perigo DC precaução*.

Vejamos, a seguir, os conceitos relativos à Teoria Polifônica da Enunciação, que também serão úteis à explicação do enunciado tema deste trabalho.

2.3 Alguns conceitos da Teoria Polifônica da Enunciação

Publicada inicialmente como um “esboço”, a Teoria Polifônica da Enunciação (TPE) surge de modo estruturado em 1984, quando da publicação da obra *Le dire et le dit*, traduzido para o português em 1987 sob o título *O dizer e o dito* (DUCROT, 1987). O objetivo principal de Ducrot, ao formular tal teoria, era renunciar à ideia de unicidade do sujeito falante, que reinava em diversos estudos, especialmente àqueles ligados à Pragmática. Para Ducrot (1990), o autor de um enunciado nunca se expressa diretamente, mas coloca em cena, em seu discurso, um certo número de personagens, com os quais o locutor se relaciona de dois modos específicos. Vejamos mais detalhadamente.

Para Ducrot (1990, 1987) e Carel e Ducrot (2008), a ideia de unicidade do sujeito falante postula que, por trás de um enunciado, haveria apenas uma pessoa que fala. Para os autores, no entanto, o sujeito falante remete, em um enunciado, a diferentes funções, quais sejam: a primeira delas é a de sujeito empírico, ou o produtor efetivo do enunciado, ao qual corresponde um ser com existência física, no mundo. Sobre este elemento, os autores não investem sua teoria, uma vez que a eles não interessam as relações entre língua e mundo, neste caso, relação dada através da existência de um ser real a quem se atribuem as capacidades fonatórias e psico-motoras necessárias à produção de um enunciado. À segunda função que pode desempenhar um sujeito falante, os autores denominam *locutor*, considerado como um ser de fala a quem se atribui a responsabilidade da enunciação no próprio enunciado e é a ele que se refere o pronome de primeira pessoa *eu*; o locutor é, portanto, um ser essencialmente linguístico. Por fim, a terceira função a que o sujeito falante pode remeter é a função de *enunciador*: os enunciadores não são seres reais, mas seres responsáveis por pontos de vista evocados no enunciado.

Um locutor pode se relacionar com os enunciadores de dois modos: assimilando-se a eles, ou tomando atitudes, que podem ser: *concordar*, *assumir* ou *opor-se*. Um locutor assume determinado enunciador quando toma o ponto de vista de que é origem como objeto de sua

enunciação; já a atitude de concordar com um enunciador acontece quando este é fonte de pressupostos; por fim, a terceira atitude, de oposição, dá-se quando o locutor rejeita determinado ponto de vista, o que ocorre essencialmente na análise de enunciados negativos, dos quais o ponto de vista positivo evocado é rejeitado pelo locutor.

A partir da publicação de Carel e Ducrot (2008), a análise dos pontos de vista que têm como origens os enunciadores passaram a se dar também através da construção de aspectos argumentativos e de sua disposição no quadrado argumentativo, conforme demonstramos na seção anterior, com a construção do bloco do sentido de *felicidade amorosa*.

Após essa apresentação dos conceitos da ANL, TBS e TPE, procederemos à análise do nosso enunciado-objeto.

3 Metodologia e análise de dados

Em nossa análise do discurso “Sou professor, ganho pouco e mesmo assim sigo feliz, pois minhas mãos estão sujas apenas de giz” (conforme figura abaixo), serão mobilizados vários conceitos com a finalidade de explicar os diferentes aspectos semânticos e enunciativos que o constituem, pelo papel da expressão *mesmo assim* e da palavra *apenas*; pela argumentação interna da expressão *ser professor* e da palavra *feliz*. Além de analisar como essas entidades linguísticas contribuem de modo particular para a construção do sentido, elencaremos os aspectos argumentativos presentes no discurso e analisaremos os blocos semânticos construídos a partir da interdependência semântica advinda da relação entre os seus segmentos. A Teoria Polifônica da Enunciação nos fornecerá as ferramentas necessárias para entendermos as questões enunciativas imbricadas na construção do sentido. A segmentação do discurso em enunciados obedecerá à orientação presente em Ducrot (1990), que atrela a definição dos enunciados ao critério da interdependência semântica, que se dá quando, em um enunciado, há a presença de dois segmentos relacionados por um conector normativo ou transgressivo, independentemente de sua extensão sintagmática.

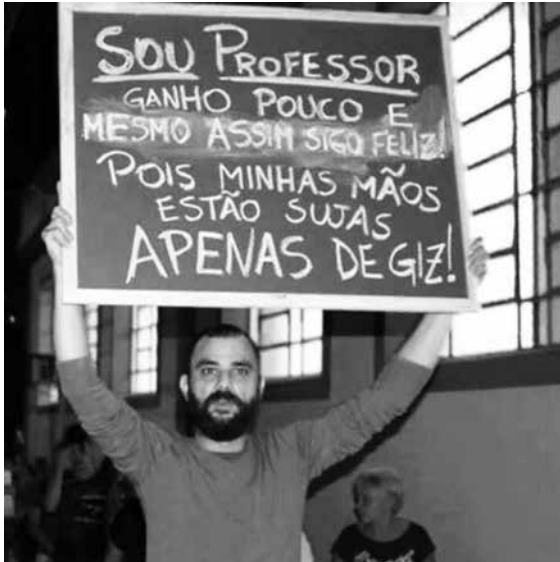


Figura 1

(Fonte: <http://www.desistirnunca.com.br/sou-professor-ganho-pouco-e-mesmo-assim-sigo-feliz/>)

O discurso acima pode ser segmentado em dois enunciados, levando em consideração o critério acima descrito: *Ganho pouco e mesmo assim sigo feliz*, e *Sigo feliz pois minhas mãos estão sujas apenas de giz*. Entendemos que esses dois enunciados podem ser interpretados como argumentações internas da expressão *Sou professor*. Para isso, mobilizaremos, além dos conceitos de aspecto argumentativo e bloco semântico, também os conceitos de argumentação interna ao léxico e da Teoria polifônica da Enunciação.

Analisemos o primeiro enunciado *Ganho pouco e mesmo assim sigo feliz*, a partir do qual identificamos a presença de dois enunciadores: *E1 – ganhar pouco DC neg ser feliz* e *E2 – ganhar pouco PT ser feliz*. Tais aspectos argumentativos, cujas origens são os enunciadores E1 e E2, pertencem ao mesmo bloco semântico, aquele em que a felicidade está ligada à riqueza, e relacionam-se de modo converso um ao outro. O aspecto argumentativo cuja origem é E2 é aquele que o locutor deseja dar a

conhecer a seu interlocutor, ou seja, é o sentido que toma como objeto de sua enunciação.

No entanto, como é possível, ou a partir de que elemento é possível evocar E1? A Teoria da Polifonia nos ajuda a explicar a presença deste enunciador: cada bloco semântico, conforme afirmamos acima, pode ser expresso por quatro maneiras diferentes, ou seja, por quatro aspectos argumentativos. Desse modo, o sentido de felicidade como algo ligado ao dinheiro pode ser expresso de modo normativo, pelo aspecto E1, ou ainda por um aspecto não evocado neste enunciado, como E3 – *neg ganhar pouco DC ser feliz*; pode ser expresso de modo transgressivo pelo aspecto E2, ou ainda, pelo aspecto não evocado neste enunciado, cuja origem é E4 – *neg ganhar pouco PT neg ser feliz*.

É convencionalmente aceito que é constitutivo do aspecto transgressivo, o aspecto normativo, motivo pelo qual, no nosso enunciado em análise, é possível, a partir do dito, evocar um não dito, que é representado pela norma do bloco semântico em questão. Há um elemento em particular que consideramos responsável por realizar essa alusão ao sentido não dito, e este elemento é o operador argumentativo *mesmo assim*. Segundo afirma Ducrot (1990), as palavras da língua apresentam um valor argumentativo, que se materializa na orientação argumentativa que determinado termo dá ao discurso. Neste caso especificamente, a orientação argumentativa dada pelo primeiro segmento do enunciado *ganhar pouco* é aquela ligada à ideia de infelicidade. O fato de o locutor admitir que é feliz, nesse mesmo enunciado, o obriga a escolher um operador argumentativo – que aparece representado pelo conector *no entanto* – transgressivo, cuja função é, justamente, inverter a orientação argumentativa dada ao discurso pelo primeiro segmento do enunciado.

Essa análise nos permite afirmar que o locutor-professor assume o ponto de vista cuja origem é E2, uma vez que o faz objeto de sua enunciação, e rejeita o enunciador E1, uma vez que se trata da negação do ponto de vista assumido, justamente o que caracteriza a relação de conversão.

Podemos afirmar que esse primeiro aspecto argumentativo assumido pelo locutor professor é um dos possíveis sentidos que *ser professor* assume,

ou seja, a nosso ver, *E2 – ganhar pouco PT ser feliz* pode ser entendido como uma argumentação interna à expressão *ser professor*, como se, nesse discurso, funcionasse como um aposto. Nossa análise pode ser justificada, ainda, pelo segundo tipo de relação que um locutor tem com os enunciadores: o locutor-professor assimila-se a *E2*, enquanto assimila o enunciador *E1* ao senso comum, ou seja, a uma voz coletiva que afirma a infelicidade dos docentes como algo causado pelos maus salários.

Como já afirmado anteriormente, a questão do sujeito empírico deve aparecer de modo periférico na análise: trata-se, de fato, de um professor este homem que ostenta o cartaz? Para a TPE, não interessa a identidade do sujeito empírico, mas sim, como o locutor, responsável pelo enunciado, se apresenta em sua enunciação. No discurso que analisamos, os pronomes de primeira pessoa que são atribuídos ao locutor, são identificados também com o professor. É com base nesses aspectos que Ducrot (1987) afirma que o sentido do enunciado é uma representação da sua enunciação, uma vez que, neste caso específico, desempenham papel importantíssimo os aspectos enunciativos que lhe são inerentes.

Já no segundo enunciado do discurso que analisamos *Sigo feliz pois minhas mãos estão sujas apenas de giz*, podemos identificar a presença dos seguintes enunciadores: *E1 – ter as mãos sujas de giz DC ser feliz*, e *E2 – neg ter as mãos sujas de giz DC neg ser feliz*. Nesse segundo enunciado, há a presença, como no anterior, de dois enunciadores, origens de pontos de vista constitutivos de um mesmo bloco semântico, ou seja, em ambos os aspectos argumentativos evocados, há a mesma interdependência semântica entre os segmentos suporte e aporte. Aqui, no entanto, há lugar apenas para os aspectos ditos normativos, cuja relação que estabelecem um em relação ao outro é a de reciprocidade: no primeiro não há negação em nenhum dos segmentos, já no segundo, há negação em ambos os segmentos. A reciprocidade aparece aqui com uma espécie de equivalência negativa.

Tal presença dos aspectos normativos do mesmo bloco semântico justifica-se polifonicamente pela presença do operador argumentativo *apenas*, que funciona, neste caso, como uma negação. Quando o locutor-

professor afirma que suas mãos estão sujas *apenas* de giz, ele descarta a possibilidade de suas mãos estarem sujas de outras coisas, além de associar essa restrição à sua felicidade: é porque suas mãos estão sujas *apenas* de giz que ele se considera feliz.

A expressão *ter as mãos sujas apenas de giz* apresenta um sentido muito específico nesse discurso (não estamos tratando aqui da distinção entre sentido denotativo e conotativo, mas de argumentação interna contextual). Tal sentido específico é expresso pelos aspectos argumentativos *ser trabalhador DC ser honesto* e *neg ser trabalhador DC neg ser honesto*, discursos estes que lhe são constitutivos, neste contexto, e que constituem sua argumentação interna. Assim, se tomarmos o contexto situacional em que este enunciado foi proferido, ou seja, sua enunciação (uma vez que todo enunciado carrega consigo as marcas da atividade linguística que o produziram), que são as manifestações ocorridas no Brasil, no ano de 2013, podemos admitir que o tipo de “sujeira” que não está presente nas mãos deste professor é aquele que diz respeito a atitudes criminosas, capazes de desonrar as pessoas, advindas de atividades desonestas. Um segundo sentido de felicidade é construído, portanto, a partir desse enunciado, diferente daquele construído no enunciado anterior: é um sentido de felicidade ligado à honestidade.

Nesse segundo enunciado, as relações que o locutor-professor tem com os enunciadores que coloca em cena são de assumir o ponto de vista cuja origem é *E1* e concordar com o ponto de vista cuja origem é o enunciador *E2*. Quanto às assimilações, podemos dizer que o locutor-professor assimila-se ao primeiro enunciador, cujo ponto de vista toma como objeto de sua enunciação.

A análise deste segundo enunciado constitutivo do discurso de que fazemos objeto de estudo nos fornece a segunda argumentação interna possível à expressão *ser professor*, que é aquela que afirma que a felicidade está ligada à honestidade do trabalho, materializada no aspecto argumentativo *ter um trabalho honesto DC ser feliz*.

4 Conclusão

Nossas análises mostraram que, no nosso enunciado-objeto, há dois discursos relacionados à expressão *ser professor*, ambos ligados a dois sentidos de felicidade: a felicidade apresentada como ligada ao dinheiro, materializada num aspecto transgressor à norma; e outro sentido de felicidade ligado à honestidade, materializado no aspecto normativo do bloco semântico. Tal análise baseou-se, fundamentalmente, conforme orientam a ANL e a TBS, no material linguístico constitutivo do enunciado, bem como em seus aspectos enunciativos, caracterizados pela presença de um locutor- professor que coloca em cena enunciadore, como num diálogo cristalizado.

Acreditamos que esta análise, embasada em Teorias que buscam explicar o sentido dos discursos com base em elementos linguísticos e enunciativos, colabora de modo importante para compreender os sentidos, tendo em vista dois aspectos: o primeiro deles diz respeito à importância que devemos dar aos elementos linguísticos que compõem um discurso e às suas relações sintagmáticas, afinal, a língua também significa. O segundo aspecto que julgamos importante observar, e que é permitido pelas teorias que escolhemos como base para análise, é a importância que exercem os aspectos enunciativos na construção dos sentidos: observar as assimilações que o locutor faz a/dos enunciadore que coloca em cena, as atitudes que toma em relação a eles e, principalmente, analisar a enunciação, conforme preconiza Ducrot (1987), como constitutiva do sentido do enunciado, uma vez que nele ela aparece materializada.

Esperamos, a partir deste trabalho, ter trazido para o debate a realidade, vista, neste enunciado, como uma construção linguística de um *eu* que fala para um *tu* em determinado tempo e espaço, elementos fundamentais para compreensão dos modos como construímos as “realidades” e as tomamos como tema de nossos discursos.

REFERÊNCIAS

CAREL, Marion, DUCROT, Oswald. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 7-18. Jan./mar. 2008.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Por uma análise argumentativa global do sentido. **Revista Desenredo**, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 238-253. Jul/dez 2013.

DUCROT, Oswald. Enunciação. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Casa da Moeda, 1984.

DUCROT, Oswald. **Polifonía Y argumentación**: conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Cali: Feriva, 1990.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987. Edição original: 1984.

DUCROT, Oswald. Argumentação e “Topoi” Argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo (org). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989.

DUCROT, Oswald. Introducción. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La Semántica Argumentativa**: una introducción a la teoría de los bloques semánticos. Buenos Aires: Colihue, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006. Edição original: 1916.

*Recebido em junho de 2014
Aceito em setembro de 2014*

SOBRE OS AUTORES

Cristiane Dall Cortivo-Lebler é Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2013). É Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, onde atua também como docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Áreas de interesse: Semântica e Argumentação.
E-mail: crisdallcortivo@yahoo.com.br

Adilson Ventura da Silva é Doutor em Linguística pela Unicamp (2012). É Professor Adjunto do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e Professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Áreas de interesse: Semântica e Análise de Discurso.
E-mail: adilson.ventura@gmail.com